Novos e velhos ferramiu: o Balôn como mercado em transformação

New and old ferramiu: Balôn as a changing market

Nuevos y viejos ferramiu: el Balôn como mercado en transformación

Vanessa DURANDO

vanessa.durando55@gmail.com

Pesquisadora independente.

O presente artigo trata da memória, em seus processos de apagamento e rearticulação, enquanto dispositivo para a construção de relações sociais. Em perspectiva etnográfica, trata-se de um estudo de caso sobre a produção e o uso de memórias de eventos passados e, especificamente, das narrativas de origem do mercado Balôn, feira de mercadorias usadas em Turim (Itália). Essas se articulam a partir da figura profissional do ferramiu*, tida como "tradicional" por comerciantes que pertencem a duas associações presentes "na praça". As diversas versões, consideradas como "memórias divididas" (Portelli, 1991), compõem discursos que são acionados, pelos respectivos grupos, para (des)construir legitimidade/deslegitimidade recíprocas num espaço em disputa. Tal tensão contribuiu para a reorganização interna da feira e, sucessivamente, promoveu uma cisão que partiu e multiplicou o mercado.*

Palavras-Chave: Memória; Mercado; Organização social.

This article deals with memory, in its processes of erasure and rearticulation, as a device for the construction of social relations. From an ethnographic perspective, this is a case study on the production and use of memories of past events and, specifically, the narratives of origin of the Balôn market, a used goods market in Turin (Italy). These are articulated on the basis of the professional figure of the ferramiu*, considered "traditional" by traders who belong to two associations. These different versions, considered to be "divided memories" (Portelli, 1991), make up discourses that are used to (de)construct reciprocal legitimacy/delegitimacy in a disputed space. This tension contributed to the internal reorganisation of the Balôn and, successively, promoted a split that divided and multiplied the market.*

Keywords: Memory; Market; Social organization.

DOI: 10.34024/csr.2024.60.3.19287

El presente artículo trata de la memoria, en sus procesos de borrado y rearticulación, como dispositivo para la construcción de relaciones sociales. En perspectiva etnográfica, se trata de un estudio de caso sobre la producción y el uso de memorias de eventos pasados y, específicamente, de las narrativas de origen del mercado Balôn, feria de mercancías usadas en Turín (Italia). Estas se articulan a partir de la figura profesional del ferramiu, *considerada como "tradicional" por comerciantes que pertenecen a dos asociaciones presentes "en la plaza". Las diversas versiones, consideradas como "memorias divididas" (Portelli, 1991), componen discursos que son accionados por los respectivos grupos para (des)construir legitimidad deslegitimadas recíprocas en un espacio disputado. Tal tensión contribuyó a la reorganización interna de la feria y, sucesivamente, promovió una escisión que partió y multiplicó el mercado.*

Palabras clave: Memoria; Mercado; Organización social.

Introdução

O mercado Balôn:"[...] uma exposição grandiosa e compassiva de misérias, impossível de se imaginar a não ser supondo que um inteiro bairro de Turim, tomado por um furor de destruição, tenha lançado pelas janelas todos os utensílios, dos sótãos aos porões, até a última bugiganga do último armário.... É uma confusão de coisas e sobras de enlouquecer o coitado que as devesse inventariar."
(Edmondo de Amicis, 1911, tradução nossa).

A feira Balôn, localizada na cidade de Turim, Itália, desde a metade do século XIX oferece mercadorias usadas, representando a mais conhecida da cidade. Alocada no bairro de Porta Palazzo, área de antiga ocupação operária e onde surge um outro grande mercado alimentar e de artigos novos, ao longo do tempo, acolheu diversas levas de migrantes. Primeiro os italianos vindos das regiões rurais das redondezas, depois os migrantes provenientes do sul da Itália e, hoje, os que provêm de países europeus e extra-europeus encontraram e encontram no comércio uma fonte total ou parcial de subsistência. Tido como "tradicional" pelos *torinenses*, considerado como "amortecedor social" pelas instituições públicas, representado como lugar "exótico" e "perigoso" pela mídia local, definido como lugar "do bom negócio" por muitos clientes, o Balôn é lugar onde, através da venda de mercadorias usadas, velhas e antigas, diferentes sujeitos se relacionam. Consideramos a feira, em termos gerais e de forma esquemática, como uma *situação de intercâmbio realizada por um conjunto de pessoas que exercem atividades de compra-venda e/ou troca de bens, parcilmente regulamentadas pelo Estado, num lugar preestabelecido*. Com o termo "situação" nos referimos à definição que Giovanni Semi (2005), em sua etnografia sobre o mercado de Porta Palazzo, formula a partir de algumas reflexões teóricas propostas por Erving Goffmann (1969), Clyde Mitchell (1987) e Ulf Hannerz (1998). Segundo o sociólogo italiano, as "situações" são "momentos relacionais durante os quais o fluxo de significado (produzido pelos sujeitos) toma forma (e adquire sentido) determinando uma interação". A interação, segundo essa perspectiva, define-se, então,

enquanto "fluxo situado" (Semi, 2005, p. 31). Neste sentido, o mercado, que é sempre, em várias medidas, heterogêneo do ponto de vista social, econômico e cultural define-se por seu caráter interacional e funciona segundo valores e normas internamente estabelecidas e externamente normatizadas.

Na feira Balôn operam vendedores de categorias distintas, desde "coletores" até "antiquários", os quais comercializam, de maneira formal e informal, mercadorias de diversas procedências. Logo percebi que, além de existirem diferenças étnicas entre italianos e entre italianos e "estrangeiros" de várias nacionalidades, os vendedores teciam uma rede complexa de relações a partir de noções como "proveniência", "profissionalização" e "ancianidade", as quais repercutem na organização social dos grupos que o compõem, incluindo também o Estado como agente que participa desses processos. Estas são acionadas, dentre outros, por categorias de discurso tais como "legalidade/informalidade/ilegalidade" que, no contexto em questão, adquirem distintos significados segundo os diferentes agentes sociais. O Balôn, de fato, é um mercado que apresenta traços marcantes de informalidade, "tolerados" pelas instituições, que se evidenciam tanto nas práticas dos atores, quanto em suas narrativas.

Olhar o mercado como "palco" e espaço de produção das relações foi o primeiro prisma através do qual o observei quando, em 2008, comecei a pesquisa de mestrado.[1] A configuração da feira, os grupos sociais que o constituem e as dinâmicas comerciais que o sustentam foram o meu foco. Tais dinâmicas são úteis para pensar, transversalmente, temas caros à antropologia, como a inseparabilidade entre sistema econômico e social[2], processos de construção do espaço

[1] Os dados que utilizo foram coletados no trabalho de campo que desenvolvi em diversas etapas ao longo dos anos: se referem, principalmente, à pesquisa de campo que realizei em 2007 e 2008, durante a pesquisa de mestrado em Antropologia Social realizada na Universidade federal do Paraná, sendo integrados com material coletado sucessivamente, entre os anos 2012 e 2015, quando desenvolvi, sempre nesse contexto, parte da pesquisa de doutorado (cursado na Universidade Estadual de Campinas com o auxílio da FAPESP) e com dados recentes, de 2023 e 2024. Se em um primeiro momento, o meu objetivo foi a organização social da feira, sucessivamente, me concentrei nas dinâmicas de compra-venda, coleta e reciclagem de mercadorias realizada por comerciantes senegaleses que utilizam o mercado como um dos espaços de arrecadação de suas peças. Através de uma pesquisa multisituada acompanhei o fluxo de pessoas, coisas e dinheiro de Turim para Dakar, onde os itens são enviados via container. Atualmente, continuo observando os dois mercados, Balôn e o Barattolo - seu desdobramento-, e acompanhando os comerciantes senegaleses em suas práticas comerciais transnacionais. A metodologia que utilizei nesses anos sempre foi a mesma: observação participante, entrevistas formais sobre trajetórias de vida e profissionais e, quando necessário, entrevistas pontuais semiestruturadas. Utilizei diversos suportes para a coleta de dados, desde o diário de campo até fotografia e vídeo. A inserção em campo foi facilitada por uma posição, digamos híbrida, que adquiri aos olhos dos meus interlocutores por ser uma italiana que vive no Brasil há muitos anos. Esta situação me colocava, por um lado, em um lugar "de fora" e, pelo outro, era vista como "próxima" tanto pelos italianos com os quais compartilhava a mesma nacionalidade quanto pelos senegaleses e outros "estrangeiros" pelo mesmo papel de "migrante" que em lugares diversos desempenhávamos. Ser uma migrante despertava curiosidade tanto para uns quanto para outros e me era atribuída coragem e valentia. A modalidade de inserção em campo que aqui aponto não foi fixa e nem unívoca, houve mudanças e nuances diferentes dependendo dos contextos e dos interlocutores com os quais me deparei. Os desafios também foram muitos, essas questões serão aprofundadas em outro artigo.

[2] Vejam-se as discussões de autores clássicos como Polany (1944), Polany; Arensberg; Pearson (1957); Granovetter (1985); Geertz (1979) e Braudel (1996).

em contextos urbanos, dimensão formal/informal/ilegal das práticas comerciais, fluxos migratórios, dentre outros. O presente artigo trata de um dos elementos que operam na organização social da feira: a memória e seus processos de apagamento e rearticulação, enquanto dispositivo para a construção de relações sociais. Por memória entendemos a lembrança como *criação* de um grupo social que projeta no passado uma imagem constituída a partir de valores e lógicas atuais. Ela opera de forma diferente e pode ser problematizada dependendo da posição que o grupo social ocupa na situação observada.

Esse artigo é um fragmento etnográfico sobre as narrativas de origem do mercado Balôn, as quais se articulam a partir da figura profissional do *ferramiu*, tida como "tradicional" por comerciantes que pertencem a duas associações presentes "na praça". Utilizadas pelos meus interlocutores para caracterizar parte do *éthos* do mercado, são mobilizadas enquanto dispositivos de legitimação e deslegitimação recíproca em um espaço comercial condiviso e, também, disputado. Tal tensão contribuiu para a reorganização interna da feira e promoveu uma cisão que partiu e multiplicou o mercado.

Porta Palazzo ou "O Ventre de Turim"

O bairro de Porta Palazzo, que abrigou o primeiro proletariado urbano de Turim, é conhecido por hospedar dois mercados: uma ampla feira de mercadorias novas,

Figura 1. Mapa – Porta Palazzo

Fonte: Criação da autora

conhecida como “mercado de Porta Palazzo”, que há dois séculos funciona diariamente (exceto aos domingos) na extensa Piazza della Repubblica, e o mercado Balôn, que, aos sábados, se estende pelas ruelas que vão da praça em direção ao rio Dora. Essa última é a feira da cidade na qual, desde a metade do século XIX, comercializam-se ‘tradicionalmente’ mercadorias usadas.

A partir do mapeamento da região, realizado pelo sociólogo italiano Giovanni Semi (2005), podemos identificar Porta Palazzo como um espaço compósito e heterogêneo. Esse se constitui, em princípio, por três áreas: Borgo Dora, que compreende toda a região acima de Piazza della Repubblica (delimitada por Corso Regina Margherita, Via Cigna, Corso XI Febbraio e o rio Dora), Piazza della Repubblica e o Quadrilatero Romano, que inclui Piazza Emanuele Filiberto e a área que dali se estende até o centro histórico. Essa última região, considerada hoje o lugar ‘da moda’ da cidade, sofreu um processo de gentrificação ocorrido a partir de 1991, que viabilizou a produção de um novo espaço comercial, constituído principalmente por bares e restaurantes. Por causa da elitização que essa mudança comportou, o Quadrilatero Romano, que até então fazia parte de Porta Palazzo, abrigando em suas casas populares muitos dos feirantes do mercado da grande praça central, é considerado hoje como uma região socioeconômica deslocada desse contexto. A avenida Corso Regina constitui uma fronteira física entre esses dois espaços: seus poucos metros de largura equivalem à distância que separa ‘dois mundos’. Para além dessa fronteira, a ampla praça octogonal de Piazza della Repubblica (51.300 m²), o “coração” do bairro, é a “moldura” que hospeda uma grande feira diária, a maior de Torino. Essa oferece alimentos, roupas, artigos domésticos e flores, disponibilizando artigos que em nenhum outro lugar da cidade são ofertados como, por exemplo, a hortelã fresca importada diretamente do Marrocos e outras especiarias. O *éthos* ‘popular’ do mercado de Porta Palazzo deriva do tipo de bens comercializados e da competitividade dos preços, que atraem principalmente clientes de menor poder aquisitivo. Ao seu redor, há diversas pequenas áreas onde é praticada a venda ilegal de mercadorias, objetos roubados e drogas. A importância comercial de Porta Palazzo, porém, não está vinculada somente a esse mercado e à feira do usado Balôn. De fato, em Borgo Dora desenvolveu-se uma *ethnic enclave economy* com a consolidação do comércio marroquino[3] (Semi, 2005, p. 126) e, mais recentemente, chinês.

O que articula as três áreas que compõem o bairro de Porta Palazzo é, segundo Semi, o “multiculturalismo quotidiano” que produz específicas “formas de relações sociais e tecidos multiculturais” (Semi, 2005, p. 11). As interações entre pessoas de diferentes proveniências que aqui se encontram nem sempre são pacíficas, apresentando-se, em muitas ocasiões, através de conflitos. Nos discursos dos comerciantes e residentes italianos, a presença “estrangeira” é

[3] Instalada entre Corso Giulio Cesare, Corso XI Febbraio e o rio Dora.

frequentemente associada à violência e à ilegalidade, gerando narrativas *clichês* de cunho reivindicatório. Essas posições se manifestam em episódios que encenam os conflitos, como, por exemplo, na reunião de cidadãos italianos em comitês que visam à representação de seus interesses, assim como a ritualização em cortejos e manifestações públicas contra a imigração, que se torna o 'bode expiatório' de algumas problemáticas locais. Os discursos correntes são geralmente vinculados ao tema da "segurança", apelando-se para intervenção direta das instituições[4]. Tais conflitos desencadearam um processo de realocamento populacional significativo: muitos italianos (moradores e comerciantes) migraram para outros bairros de Torino e o efeito desse deslocamento, que é também uma das causas e consequências da etnicização comercial magrebina e chinesa da região, resultou numa exacerbação da intolerância interétnica por parte dos italianos que permaneceram na localidade. Diante dos protestos ocorridos – que integram a chamada "crise urbana" (Allasino; Bobbio; Neri, 2000, p. 73) –, a prefeitura investiu em duas ações principais: intervenções voltadas à requalificação do território e, de 1996 até 2012, em um "projeto integrado", que consistiu na criação de uma agência de "mediação de conflitos", de natureza mista, público-privada, chamada *"The Gate. Living not leaving"* que representava um verdadeiro apelo aos italianos que abandonavam o território.

Hospedar pessoas vindas 'de fora' não é, porém, novidade em Porta Palazzo. O "ventre de Torino" - como definiu essa região da cidade o escritor Edmundo De Amicis -, desde o final de 1800, abrigou 'diversos' migrantes. De fato, nas primeiras décadas de 1900, ali se instalaram os camponeses que deixavam as regiões rurais próximas. Mais tarde, nas décadas de 50 e 60 do século passado, nesse mesmo lugar se estabeleceram migrantes vindos do sul da Itália. Atraídos por aluguéis baratos, ofertados em edifícios em sua maioria arruinados, e por um comércio 'popular' caracterizado por preços abaixo da média, esses migrantes consolidaram a história de Porta Palazzo como espaço privilegiado dos 'recém-chegados'. As duas feiras cumpriram um papel fundamental nesse processo. Com efeito, a comercialização informal e ilegal de alguns tipos de produtos e o recrutamento, por parte de vendedores que atuam formalmente, de mão de obra para montar e desmontar as bancas foram, e ainda são, as atividades improvisadas

[4] A migração tem sido qualificada como um "problema" social e político pela União Europeia e os estados que a compõem, os quais, já a partir de 1973, passaram a promover políticas migratórias restritivas, alegando ter alcançado o "limite" de ingressos. Este discurso, na Itália, é compartilhado pela imprensa que, com a intensificação dos fluxos migratórios ao longo dos anos, passou a representá-la como "invasão" utilizando reportagens dos desembarques nos litorais das regiões sul do país, de forma alarmista, sensacionalista e ambígua. Esta representação, assim como sugerido por Sayad (1998) e (2002), é pautada por uma visão etnocêntrica e dominadora que não contempla a "trajetória epistemológica" dos migrantes. Nas palavras do autor: "mais do que qualquer outro objeto social não existe outro discurso sobre o imigrante e a imigração que não seja um discurso imposto [...]. E uma das formas dessa imposição é perceber o imigrante, defini-lo, pensá-lo ou, mais simplesmente, sempre falar dele como um problema social" (1998, p. 56).

que viabilizam a sustentação de parte dessas pessoas no período inicial de permanência na nova cidade e/ou em fases de desemprego. Porta Palazzo representou e representa, portanto, um *'porto de mare'*, um cais, e também um 'lugar-laboratório' onde se experimentam novas políticas e se produzem novas formas de sociabilidade em um cruzamento de diversidades, muitas vezes, impactante. Ao mesmo tempo, esse bairro compõe um núcleo no qual se sobrepõem e se entrelaçam redes extensas (translocais e transnacionais), que sustentam fluxos de bens lícitos e ilícitos e a produção de serviços variados, dentro das quais os trabalhadores se movem por "mobilidades laterais" (Ruggiero; South, 1997 apud Telles, 2009). Essas dinâmicas, que, segundo a perspectiva de Ruggiero e South, constituem "o bazar metropolitano" (Telles, 2009), caracterizam historicamente essa área urbana.

A sucessão dos diversos fluxos migratórios ao longo do tempo proporcionou o estabelecimento de sujeitos etnicamente heterogêneos, de forma que ali se tem hoje uma população 'em camadas', que compreende *"torinesi"*, piemonteses de segunda e terceira gerações, originários das regiões rurais, assim como "meridionais"[5] de segunda geração, além de migrantes vindos de países extra-europeus (da África, especialmente) e, mais recentemente, da Europa oriental. Essa heterogeneidade étnica, as tensões entre sujeitos que se consideram "estabelecidos" (Elias, 1965, p. 12) e os "recém-chegados", a dimensão formal, informal e ilegal das práticas comerciais, bem como a implementação de políticas públicas específicas representam parte fundamental da estrutura e das dinâmicas sociais que também caracterizam a feira Balôn.

"Coletores", "Rigattieri" e "Antiquários" na Feira Balôn

Com o termo Balôn os meus interlocutores definem, simultaneamente, um recorte do bairro de Porta Palazzo que se estende entre Corso Regina Margherita, Via Cigna, Corso Giulio Cesare e o rio Dora e, metonimicamente, a feira de usados que ali é instalada. No Balôn, como alegam clientes e vendedores, se encontra "de tudo". Um amigo que trabalhou como guarda municipal, relatou que uma vez, enquanto fiscalizava, encontrou sobre uma banca uma caveira. O trabalho de apreensão da peça, descreve, foi muito burocrático porque desencadeou um processo de "exumação de cadáver". A feira oferece produtos extremamente variados: objetos velhos e antigos (desde comuns copos de vidro a molduras umbertine), algumas peças novas, móveis, objetos de artesanato de diferentes origens étnicas, e ainda roupa usada, pedaços de objetos para reparos, assim como peças das mais diferentes proveniências (conchas, borboletas, livros...). A procedência das mercadorias varia: as peças podem provir de porões e habitações, tendo sido coisas guardadas e, sucessivamente, vendidas ou doadas; ou dos lixos, sendo então sobras recolhidas.

[5] Migrantes provenientes dos territórios meridionais da Itália.

Esta multiplicidade de mercadorias atrai vários tipos de fregueses: os "de baixa renda", que compram peças usadas, bem como "antiquários" e colecionadores à procura de objetos raros e/ou antigos, além daqueles atraídos pela "moda étnica" (Semi, 2005, p. 134).

A feira, que a um primeiro olhar remeteria a único lugar, é, ao invés, um espaço comercial que abriga *vários* mercados[6]. Os feirantes do Balôn se classificam em três categorias: "coletores", *"rigattieri"* e "antiquários"[7]. Com o primeiro termo, "coletor", isto é *"raccoglitore"* em italiano, se denomina o vendedor que "na praça" oferece uma grande variedade de objetos, não previamente selecionados. O *"rigattiere"* é o que comercializa peças "velhas" escolhidas segundo parâmetros que se referem ao próprio mercado da *"rigatteria"* como, por exemplo, os gostos e preferências dos colecionadores[8]. Por fim, o "antiquário" é o vendedor que trata principalmente objetos "antigos", com datação desde a "época umbertina" para frente. Esta última categoria é a mais recente da feira, surgiu na metade dos anos 80, e representa uma minoria. Os "antiquários", que sempre foram poucos em relação ao número total dos integrantes da feira, trabalham em lojas alocadas nas Via Bordo Dora e Via Lanino e, no dia da feira, expõem as mercadorias na calçada. Se, em princípio, qualquer um desses vendedores pode também ser "coletor", o que os diferencia, além do poder aquisitivo inicial e da tipologia de redes utilizadas para a aquisição, é a capacidade de selecionar os objetos, isto é, o "conhecimento" das peças, qualidade que se adquire com o tempo, tendo informação e experiência. Este é o critério central que define não somente o tipo de mercadoria que se adquire e se oferece, mas também a possibilidade de estabelecer preços adequados e conseguir fazer "bons negócios". Esse critério, do ponto de vista de meus interlocutores, define o grau de "profissionalização" de cada comerciante e, por outro lado, é influenciada pela "ancianidade", isto é, o tempo de atuação na praça, que também contribui para construção de status definindo lugares de maior e menor legitimação em campo. A "proveniência" também é um critério utilizado pelos ambulantes para moldar as próprias relações recíprocas, nesse sentido na feira são produzidos "espaços étnicos" (Stoller, 2002), não sempre territorializados, mas que também pode se refletir na maneira de se distribuírem no espaço. Nesse sentido, há uma tendência dos vendedores italianos de estabelecer as próprias bancas na rua Borgo Dora, considerada como centro da feira. A noção de fronteira, que Barth formula para estudar questões ligadas

[6] Segundo Fernando Rabossi (2004, p. 78), para entender suas características, o observador precisa de "um olhar espaço-temporal do social em movimento", ou seja, é preciso ser capaz de perceber os diversos registros temporais e espaciais, sincrônicos e diacrônicos, através dos quais o mercado se faz presente.

[7] Essa classificação foi construída de forma endógena. Seguindo as sugestões de Guilherme Magnani (2002), para a realização de etnografias urbanas, é necessário adquirir um olhar "de perto" e "de dentro" por meio do qual o universo pesquisado adquire uma forma e organização que se explicitam, o mais possível, nos seus próprios termos.

[8] Em francês "brocanteur", esse termo não foi traduzido em português pois não há uma equivalência nesse idioma.

à etnicidade, pode ser aqui utilizada como referencial teórico através do qual é possível analisar alguns traços da organização social do mercado. A noção de alteridade formulada pelos atores sociais é o critério "interno" de distinção que interessa nesse contexto. Nas narrativas e na prática dos atores, a oposição "nós/eles" inscreve proximidades e distâncias, continuidades e descontinuidades que demarcam grupos específicos, aos quais são atribuídas práticas comerciais e representações simbólicas diferenciadas. Esses "diacríticos", como Barth ([1969] 1998, p. 67) os denomina, com o conjunto de valores, comuns e diferentes, produzidos pelos grupos, oferecem também o material para vislumbrar um pouco do *éthos* do mercado.

Porquanto a presença regular no mercado requeira um procedimento formal a ser seguido, as práticas comerciais informais podem ser consideradas como constitutivas da feira e são produzidas por meio das relações entre vendedores, assim como entre estes e os fiscais. Nesse sentido, quando me refiro ao descumprimento de regras normativas, não quero apontar para uma falta, mas para uma prática compartilhada, socialmente institucionalizada, que contribui para a construção de um "tipo" de mercado. A informalidade representa, então, parte do *éthos* do Balôn e deve ser considerada como um dos elementos que constituem sua identidade[9]. Por meio desta são criados mecanismos de organização que representam formas de moldar o espaço, tanto urbano quanto social, envolvendo relações de parceria que variam dependendo das situações. "Apoiar-se" a outros vendedores, isto é utilizar parte de suas bancas para a venda; escolher um lugar livre entre as bancas ou às margens do mercado e jogar um pano no chão com as próprias mercadorias são modalidade de ocupação do espaço e de venda utilizadas por diversos ambulantes e representam uma forma de inserção comercial, que pode ser formalizada sucessivamente. Essa última prática, que contempla a atuação na praça sem licença e sem pagamento pela ocupação do solo público, é chamada em italiano de "abusivismo" e torna a presença desses vendedores móvel e intermitente. Discussões e disputas por espaço são comuns e envolvem sempre negociações, mais ou menos pacíficas, sobre uns poucos centímetros "de rua". A atitude por parte dos Órgãos de Segurança Pública e, especificamente, da Guarda Municipal em relação a estas práticas é, e sempre foi, *flexível* e discricionária[10].

A construção do Balôn se dá, então, seguindo normas institucionais e práticas informais, por meio das quais se criam mecanismos de organização (apoiar-se, mas também se espalhar e se encolher), que representam maneiras de moldar

[9] É no contexto desse éthos que se moldam as representações de muitos vendedores que o qualificam como um espaço "livre", "espontâneo" ao qual se pode recorrer em caso de necessidade econômica. Sobre as diversas modalidades de se fazer mercato informalmente e as variedades de trocas como formas de sociabilidades, lembramos aqui o trabalho de Felipe Evangelista Silva e Rosa Vieira (2020), assim como o de Janet MacGaffey e Remy Bazenguissa-Ganga (2000).

[10] A venda de objetos falsificados ou roubados é, de maneira geral, sancionada, enquanto que, nos casos acima citados, os guardas podem "fechar um olho" (fazer "vista grossa").

o espaço, tanto urbano quanto social, envolvendo relações de parceria que variam dependendo das situações. Tanto o manejo "rotativo" dos vendedores, quanto a atitude de "tolerância" da Polícia Municipal em relação a essas estratégias caracterizam o mercado como lugar de "fronteiras" (Barth, 1969) *flexíveis,* composto por diferentes grupos sociais. O mercado, de fato, se caracteriza pelo trabalho de *"raccoglitori", "rigattieri"* e "antiquários", mas também de "estrangeiros", "comerciantes regulares", *"abusivi"*, "velhos" e "novos" vendedores.

Embates e Reconfigurações

Nas décadas entre 1980 e 2000, o mercado Balôn atravessa um processo de polarização que, por um lado, vê o surgimento e a estruturação do comércio "antiquário" em lojas e bancas de rua Borgo Dora, operando um movimento de elitização do espaço e, pelo outro, o aumento de ambulantes italianos e de outras nacionalidade na região oposta, no final da rua Borgo Dora em direção a Lungo Dora Napoli, nas margens do rio Dora e na ponte que o atravessa. Esses ambulantes, pela maioria "coletores" e alguns *"rigattieri",* operavam sem a licença comercial, com o chamado alvará 121, ou informalmente e, por isso eram chamados de *"centoventunisti"*. O grupo refletia também o incremento do fluxo migratório "estrangeiro" que interessava a cidade e o país, de fato, além de italianos era composto por um número significativo de marroquinos, algerinos, tunisinos e oeste-africanos, principalmente senegaleses, nigerianos e ivorianos. Quando em 1998 a lei Bersani revogou o alvará 121, esse grupo de vendedores, que somava cerca de 300 pessoas, não se retirou e continuou atuando ilegalmente no mercado por diversos meses, situação que levou a numerosos embates com os Órgãos de Segurança Pública. A oposição tenaz do grupo às novas normas vigentes e o descontentamento e protestos de muitos moradores e comerciantes italianos frente à crescente presença de migrantes no bairro, que já estava se esvaziando dos antigos moradores, gerou uma "crise urbana" (Allasino; Bobbio; Neri, 2000) que a prefeitura enfrentou, como já se comentou acima, com a requalificação de parte do território e a criação da agência The gate para mediar os conflitos. Através da mediação da agência e a participação dos *"centoventunisti"*, entre 2001 e 2004, o grupo de ambulantes se formalizou em uma associação, a *Associazione Vivi Balon,* constituída por parte deles próprios sob o monitoramento de *The gate,* e foi realocando no Canale Molassi. Por outro lado, também os "antiquários" presentes na feira tinham se organizado fundando uma associação, a Associazione Commercianti Balon, que, a partir de 1984, começou a reunir lojistas do bairro e instituiu, uma vez por mês, uma feira própria, chamada Gran Balôn, que oferecia unicamente antiquário e *"rigattieria".*

Essa nova constituição do mercado, que via a inclusão dos "ex-centoventunisti" no Canale Molassi atuando mediante a associação e sem necessidade de licença comercial e, por outro lado da feira, ambulantes que se consideravam "regulares", abriu uma fase de disputas internas que, até 2018, viu tais grupos confrontar-se para afirmar e sancionar a própria presença no espaço. A narrativa da "origem do Balôn" e de sua identidade representou uma das categorias discursivas utilizadas pelas

duas associações nos processos acima citados, para construir e preservar a própria legitimação no espaço.

Várias Histórias/Diferentes Memórias

A "ancianidade", categoria utilizada com caráter discriminante pelos vendedores do Balôn, é considerada uma das mais significativas. Todas as tipologias de ambulantes, tanto "coletores", quanto *"rigattieri", "antiquari",* vendedores formais e informais, assim como comerciantes de diversas proveniências, consideram o tempo de trabalho na feira como uma qualidade importante. Quando fui a campo pela primeira vez, em junho de 2008, logo percebi que os discursos dos vendedores italianos que trabalhavam no mercado há mais tempo (de 10 a 15 anos ou mais) remetiam frequentemente ao passado, trazendo "lembranças" relativas ao Balôn como parâmetro para definir sua condição presente[11]. Em especial, essas narrativas eram formuladas pelos "antiquários" instalados em Via Borgo Dora como argumentos para desqualificar as práticas comerciais dos ambulantes que trabalhavam no Canale Molassi.

Os "antiquários" que aí atuavam, e ainda em parte atuam, são em sua maioria filhos de ambulantes que já participavam do mercado na década de 50 e, tanto pelo fato de estarem presentes na feira há muitos anos, quanto pela continuidade geracional com os prórpios pais, são por muitos considerados os "mais velhos da praça". O recorte urbano onde estão alocadas suas lojas, adquiridas na década de 80, foi *gentrificado* junto com outras área de Porta Palazzo como resposta às "crises urbanas" acima citadas. A rua Borgo Dora, ainda hoje, carrega as marcas da "antiguidade", qualidade que também o grupo se autoimputa: sua aparência *retrô* é explicitada pelas inscrições postas acima das lojas como *"antichità", "oggetti d´ epoca", "mobili antichi",* acompanhadas por motivos gráficos de estilo *liberty.*

Durante os nossos diálogos, estes comerciantes se referiam ao passado de forma nostálgica, em expressões como: "o Balôn não é mais o mercado que era no passado" ou "o velho mercado não existe mais"; articulavam uma comparação entre uma "imagem da memória" (Halbwachs, 1987) e a feira atual. Tendendo a definir a situação do atual Balôn negativamente, essas afirmações revelavam que a passagem do tempo era percebida mediante categorias de continuidade/descontinuidade que contrapunham o que eles consideravam as formas "tradicionais" de fazer o mercado à atualidade. A partir dessa comparação eram produzidas definições sobre a feira atual. Nesse sentido, em relação às histórias que me foram narradas, se colocará em evidência quais são as categorias que esses atores percebem como contínuas e/ou descontínuas entre uma imagem do mercado "que ficou para trás", tomada

[11] Nesse artigo me refiro aos ambulantes italianos pois, sendo interessada em discutir como este diacrítico foi acionado pelas duas associações presentes na época e, sendo essas geridas por comerciantes dessa proveniência, o meu foco se dirigiu nesse sentido. Considere-se, portanto, que esse recorte não explicita as formas de apropriação dessa categoria por outros sujeitos que estão em campo, as quais, apesar disso, sempre operaram.

como tradicional, e o Balôn do presente, assim como compreender a lógica que os relaciona. Essa perspectiva vai permitir também mostrar como os antiquários e sua prática comercial surgiram e se legitimaram nesse contexto. Com o termo "história" não entendo aqui um conjunto de fatos que se deram no passado de forma objetiva, isto é, não procurei apurar a veracidade dos acontecimentos que me foram contados, mas explorar como se articulam às representações elaboradas pelos meus interlocutores. De fato, como Halbwachs (1987) indica, a recordação, ou seja, a conjuntura de elementos que definem um momento do passado, é sempre construída partindo do presente e reelaborada segundo uma lógica contingente. Há que se ressaltar que, como olhar retroativo, a lembrança é sempre interpretativa e é "mediada", segundo Portelli (1991), por aspectos como a linguagem, o ambiente social, a religião, a política, que caracterizam o "aqui e agora" dos atores sociais.

O "Ferramiu" Como Figura Originária do Mercado

Narrativas sobre a "origem" do mercado, como discurso da memória e da tradição, não as escutei somente dos "velhos", mas também de ambulantes jovens, que não recorrem à lembrança, não tendo nenhuma ligação com esse passado específico. Se considerarmos como objeto de análise o discurso que se *faz* sobre a história, esses relatos são igualmente significativos. Nesse sentido, apesar da heterogeneidade das fontes orais, que incluem tanto pessoas que vivenciaram o passado, quanto atores que "contam o que foi contado", as narrativas de meus interlocutores convergem para a definição de uma figura central, tomada como "originária" do Balôn: o *ferramiu.* Essa palavra, em dialeto piemontês, indica uma profissão específica, que segundo os relatos, começou a ser exercida na segunda metade do século XX. Os *ferramiu* vinham do Vale do Pó, situado entre as montanhas dos Alpes, próximo da fronteira com a França. Eles se deslocavam dessa região para a cidade no outono e no inverno e, nas cidadezinhas de onde provinham, Oncino, Ostana e Crissolo, durante a primavera e o verão, praticavam a atividade agrícola. Quando "desciam" em Turim "faziam" os *ferramiu*[12]: trabalho que consistia em comprar ferro, mas também todo tipo de objetos usados. Com um carrinho de mão e um ímã no bolso atravessavam a cidade, bairro por bairro, esvaziando os porões das casas onde estavam guardados esses artigos, que podiam provir de

[12] Naquele tempo, em cada vale havia um grupo de trabalhadores especializados em uma atividade. Os da Valle Po ocupavam-se da reciclagem do ferro. A atividade dos ferramiu era conhecida na época, tanto que alguns relatos contam que em Torino os moradores, sobretudo as mulheres, guardavam materiais e objetos para vendê-los a eles. Gritando: "Ferramiu! Peldicunì! Cavei dalpentu! Strasè!" (Pele de coelho, cabelos, trapos, como diz a frase, eram também artigos comercializados), apresentavam-se nos pátios dos edifícios e faziam os próprios negócios. Em 2008 eram lembrados pela geração dos que tinham mais de 60 anos. Os relatos que recolhemos se referem a ferramiu homens, assim como são de gênero masculino a maioria dos ambulantes antiquários e "rigattieri" que operam na feira. Em relação aos coletores temos uma maior presença feminina, que diminui nas atividades comerciais que envolvem o abastecimento por meio de mudanças. A flexão de gênero depende também de outras variáveis como nacionalidade, etnia, religião e da tipologia de mercadorias ofertadas. Nesse sentido, em comparação com o Balôn, na feira de Porta Palazzo há um número maior de comerciantes mulheres, que vendem produtos alimentares e roupas.

antigas mudanças e eram acumulados por ter perdido a própria utilidade. De fato, como muitos comentam, "naquele tempo não se jogava nada fora"; as coisas eram conservadas porque podiam vir a ser úteis em outra ocasião, servindo, por exemplo, aos filhos ou, em último caso, para serem vendidas. Além desses objetos, eles compravam metais, papéis e trapos, como roupa velha, a peso. Daí o termo *ferramiu,* quem trabalha com o ferro, material mais valioso dentre os demais. Esses materiais eram adquiridos e depois vendidos para pessoas que tinham depósitos, as quais os revendiam para empresas de reciclagem, como fundições, fábricas de papel e de fiação; os outros objetos eram oferecidos no mercado. Sobre panos colocados no chão, os *ferramiu* vendiam essas peças, que incluíam desde móveis, jogos de louças, ferramentas etc. assim como pedaços de objetos usados para consertos. Entre todas essas coisas podiam aparecer artigos "de valor", como antiguidades. Por não saberem reconhecer essas peças, vendiam-nas por preços baixos. Foi a partir dessa situação que a feira Balôn começou a ser identificada como lugar *"dell´affare",* isto é, "do bom negócio". Começando pelo descaso das pessoas que cediam as antiguidades para os *ferramiu* sem diferenciar os preços, os artigos acabavam sendo repassados para clientes do mercado por valores muito baixos. Daí a motivação destes últimos em buscar, entre as centenas de objetos achados, que em alguns casos podia "valer uma fortuna".

Sobretudo a partir do pós-guerra, alguns dos filhos desses vendedores se inseriram na profissão. Percebendo entretanto a perda de renda dos pais, começaram a "estudar" sobre antiguidades, para adquirir as condições de valorar apropriadamente os objetos e conseguir um ganho mais adequado em cada venda. Foi assim que muitos deles tornaram-se antiquários. A atividade desses *"ferramiu* em ascensão" no Balôn destaca-se entre os anos 70 e primeira metade dos anos 80 do século passado, quando eles compraram algumas lojas, e aí se estabeleceram com uma mercadoria mais "rebuscada". Parte do Balôn, então, tradicionalmente caracterizado pelo comércio de usados e de "coisas velhas", elitizou-se mediante a prática desse novo grupo, seja por suas mercadorias "mais preciosas", seja pela clientela que passou a atrair. O grupo dos "velhos" antiquários, portanto, introduziu uma prática comercial "nova" nesse contexto e se apresenta hoje como duplamente legitimado tanto pelo fato de estar presente "na praça" há muito tempo, quanto por ser composto de comerciantes descendentes dos *ferramiu,* figuras tidas como "fundadoras" da feira.

A transformação da prática desses novos vendedores em relação à geração dos pais é qualificada por meio da noção de "evolução", essa mudança é vista como "crescimento", movimento decorrente da importância de aprender a conferir o justo valor dos objetos que comercializavam. Em alguns relatos de antiquários, a noção de "evolução" está associada à "capacidade" pessoal, isto é, ao conhecimento adquirido através do "estudo", o qual lhes permitiu especializar-se nesse tipo de comércio. Essas falas são marcadas pela ideia do "fazer-se sozinho", com esforço e coragem. Além dessas qualidades, adquirir informação é central nesse contexto, tanto pelo valor simbólico como utilitário da mercadoria: o conhecimento permite operar seleções entre os objetos

e valorá-los, e no caso dos antiquários, reconhecer sua autenticidade, datação etc. Essa qualidade é reconhecida pelos vendedores como condição para o "bom andamento" dos negócios e por essa razão, eles são, em geral, reconhecidos, principalmente entre os italianos, como os comerciantes "de sucesso". Aqui, como no senso comum, a passagem do tempo é concebida linearmente, movida por uma noção de desenvolvimento que levaria à ascensão social.

A legitimação do grupo dos "antiquários", porém, não operou de forma tão homogênea na feira, de fato: a esta "evolução" eram e ainda são também atribuídas qualidades negativas. Segundo alguns comerciantes que operam na mesma região do mercado, essas pessoas "fizeram grana" estudando sim, mas beneficiaram-se desse conhecimento em detrimento de quem não o tinha. Costumavam, por exemplo, trocar móveis de metal e cozinhas "usadas" ("de fórmica, que se usava naquele tempo"), assim como eletrodomésticos, por móveis barrocos com agricultores dos arredores da cidade. Estes últimos estimavam diferentemente suas mobílias: para eles estas representavam peças "velhas", sem valor, e eram dispostos a trocá-las com mercadorias quase "novas", que eles remetiam à "modernidade". Segundo me foi relatado, a aquisição das peças antigas acontecia também dentro da própria feira: além de comprá-las de "particulares", eles as adquiriam no Balôn durante as madrugadas de sexta-feira, que precediam o mercado do sábado. Os "antiquários" se misturavam aos "compradores com lanterna", como definem os clientes noturnos da feira, a procurar as "boas peças" que os "coletores" não sabiam valorar. Dessa maneira, então, os "antiquários" reiteravam a prática de compra-venda dos pais, estando, porém, posicionados "do outro lado da banca". A "malandragem", a "esperteza", constitutivas das práticas comerciais é comum no Balôn e incide sobre as representações que os vendedores estabelecem entre si. O limite entre "o bom negócio" e a "roubada" é difícil de definir porque é arbitrário e situacional[13].

Ressignificações Estratégicas

De que maneira esses comerciantes representam a figura e o trabalho dos pais, os "*ferramiu*"?

As lógicas interpretativas que essa nova geração de vendedores acionavam na construção de um discurso sobre a figura, também paterna, do *ferramiu* como representante da tradição, eram usadas para definir o presente. Nesse sentido, a imagem daquele tipo de comerciante é reelaborada e matizada, levando-os a formular narrativas diversas. Não temos aqui, propriamente, uma "memória dividida", como no caso que Portelli (1991) analisa sobre o massacre de Civitella, diria mais uma *memória modulada.* De fato, como veremos, os elementos significantes que

[13] Maria Teresa, uma ambulante que atuava no Canale Molassi, definiu tais vendedores "como "urubús". Com esse termo não somente remete à sua "ganância", mas também à relação assimétrica que se cria entre o coletor, que não sabe o que vende, e o comprador que, com conhecimento, o prevarica (Diário de campo, 7 de março de 2013).

compõem os eventos são diferentemente retidos no processo de construção da lembrança. Ordenados segundo critérios de importância diversificados, eles priorizam alguns aspectos frente a outros, e vice-versa. Nesse sentido, os "velhos" do mercado que tornaram-se "antiquários" tendem a descrever o Balôn do passado e o trabalho dos *ferramiu* dando mais ênfase à exposição e à venda de peças velhas e antigas e omitindo as coisas de uso comum que também comercializavam. Giacomo Perotti, dono de uma loja de luminárias e antiguidades em Via Borgo Dora, relata:

> *Posso dizer que aqui sempre teve o mercado nos anos passados. No início tinha o mercado de frutas e verduras, que depois foi substituído por pessoas que desciam das montanhas e faziam coleta de coisas velhas. Depois, com o passar do tempo, o mercado dessas coisas velhas continuou. Houve a guerra. Depois da guerra dos anos 40, continuaram a fazer esse mercado, aonde os "antiquários" da cidade ou também os de fora, da província, vinham se abastecer de coisas velhas, isto é, quadros, não quadros, digamos móveis e alfaias, o que tinha de antigo e interessante para eles*[14].

Falando da continuidade com o trabalho paterno Perotti alega:

> *A minha história, porém, é um pouco diversa, porque quando tive, digamos a razão, o bom senso, comecei, ao invés de fazer o trabalho dos meus pais..., montei uma fundição e fazia a fiel imitação do peltre antigo de forma artesanal [...]. Fazia objetos no estilo liberty e depois trabalhava com as antiguidades.*

E mais adiante acrescenta:"Continuei fazendo o meu trabalho em peltre, continuei a trabalhar com um pouco de antiguidades, a trabalhar com antiguidades eu também". Nessa narração não é usado o termo *ferramiu*, em dialeto piemontês, mas "catador", "coletor" em italiano, prática que é abandonada quando ele adquire a "razão", "o bom senso", extraindo da profissão só o que tem de "nobre" e "valioso". Ele deixa de fazer o *ferramiu,* começando *outra* profissão, *mas* continua a trabalhar com antiguidades "também", criando uma analogia entre a profissão de *ferramiu* e de antiquário, isto é, mantendo da profissão "originária" o aspecto que teria promovido uma melhoria do status socioeconômico, concebida como ascensão. De um lado ruptura, de outro, continuidade, omite-se toda uma série de elementos que constituem essa figura e muitas das características do próprio mercado que, no seu relato, só é frequentado por clientes "antiquários". O que desaparece em sua fala é o aspecto mais humilde do trabalho do pai: catar ferro, papel e papelão e vendê-los a peso e, no mercado, comercializar "de tudo", incluindo peças valiosas desconhecidas que, às vezes, acabavam por prejudicá-lo nos negócios.

Perotti, como a maioria dos outros "antiquários", opera uma omissão da prática considerada "humilde" do trabalho

[14] Entrevista de Giacomo Perotti, 17 de julho de 2008. Na época da pesquisa tinha 80 anos e nasceu em Crissolo, VallePo e era filho de um *ferramiu*.

do *ferramiu*, que é suprimida da memória, aparecendo no discurso somente se induzida pelas minhas perguntas e comentários. A partir dessa omissão molda-se a forma de ver o Balôn de hoje. Perotti apresentava assim a feira:

> *Aqui o mercado mudou mesmo, se você vai, não acha mais as coisas antigas, só miudezas (quinquilharias) e ..... os clientes da colina não vêm mais porque dizem que tem gente feia. Hoje não se encontra mais nada. Nada ficou do velho mercado, o antigo deslocou-se para as lojas*[15].

Onde o "antigo" adquire aqui a dupla significação de mercado e mercadorias, destacando assim que ambos *fazem* a tradição e a identidade do Balôn.

Para muitos "antiquários" o mercado empobreceu: os objetos são de "pouco valor", "é tudo plástico"[16] . Os "clientes da colina", segundo Perotti - isto é, os compradores com alto poder aquisitivo que vivem em bairros residenciais próximos e que, segundo os "antiquários", tinham começado a frequentar a feira e suas lojas de antiguidade na década de 80 - não frequentariam mais a feira pela

Figura 2. Loja de Perotti

Fonte: Fotografia da autora, 2007.

[15] Diário de campo, 12 de agosto de 2008.

[16] A passagem entre o "período dos *ferramiu"* e o atual é caracterizada também por uma processo de mudanças socioeconômicas mais amplas que aqui não são contempladas. E claro que as consequências do primeiro e do segundo "*boom* econômico", que aconteceram respectivamente em 1963 e 1980, inauguraram uma nova forma de produção dos objetos, influenciando a sua valoração, a relação das pessoas para com eles e, em consequência, as práticas dos vendedores.

mudança de seus artigos e também por medo e rejeição aos que ele define de "pessoas feias". Esse último adjetivo, que em italiano remete também à esfera do "perigoso", é usado por Perotti tanto para indicar os migrantes estrangeiros que trabalham e frequentam o mercado quanto para as pessoas de baixa renda que, embora presentes em toda a feira, são identificadas como o grupo que se concentra no Canale Molassi. Segundo o parecer dos "velhos" "antiquários", de fato, essa área comercial "estraga" o mercado, seja pelo fato de oferecer artigos que consideram de "baixa qualidade", provenientes dos lixões ou roubados, como eles alegam, seja por serem vendidos por pessoas que eles consideram ameaçadoras e com hábitos e práticas que não condizem com os seus. Em relação a isso, Perotti, assim como outros do mesmo grupo, cita episódios de roubos e de receptação como se esses fossem fenômenos que começaram com a chegada dos migrantes. Nesse caso também há uma "modulação" dos fatos históricos porque essas práticas sempre caracterizaram a feira e o bairro de Porta Palazzo. De fato, nos anos 60, como alguns moradores de Turim ainda lembram, Piazza della Repubblica constituia o centro do contrabando de cigarros da cidade, controlado por grupos de migrantes catanesi e pugliesi e também no Balôn, episódios de receptação sempre se verificaram[17].

A *modulação* da memória, operada pelos "antiquários" a partir da noção de "ascensão" socioeconômica gerou, portanto, uma ruptura com a geração anterior, produzindo também uma descontinuidade com parte da realidade que caracterizava o mercado. Guardando alguns elementos da prática "originária" que são priorizados e suprimindo outros, os "antiquários" ressignificam o discurso da tradição, que se polariza em esferas opostas. As noções de "valor" *versus* "simplicidade" remetem a dimensões mais amplas: a primeira inclui, como se comentou, o que está hierarquicamente "acima", que "evoluiu", é "bonito", "seguro" e "valioso", por oposição ao que é associado à "pobreza", que segundo eles se explicita na "feiura", no "perigo" e na "desonestidade", caracterizando muitas vezes, aos seus olhos, quem "vem de fora". O discurso da tradição assim, usado como estatuto de autenticidade, por um lado promove a construção de identidades e por outro legitima o exercício de um papel hegemônico por esse segmento de participantes da feira. Suas iniciativas são voltadas à uma elitização do espaço comercial, acompanhadas por discursos desqualificativos das práticas que não se conformam a seus padrões. O principal alvo da *Associazione Commercianti Balôn* e de muitos dos seus componentes era a região do Canale Molassi, mais especificamente os migrantes estrangeiros que frequentavam a feira, tanto vendedores quanto

[17] Essas práticas são explicitadas por um ditado popular comum entre os torinenses: quando é roubado algo, uma bicicleta, por exemplo, costuma-se sugerir de procurá-la no Balôn.

clientes. Acusações ligadas à "sujeira", "ilegalidade"[18], "*abusivismo*" e definições depreciativas dessa porção de mercado, como *"suk"* ou *"casbah"* que se referiam, de forma xenofoba e racista, à presença magrebina tão significativa naquela porção da feira, foram uma constante desde a instituição da *Associazione Vivi Balôn* até 2018 quando, como veremos, a associação foi removida do Balôn e de Porta Palazzo. Essa posição "elitista" da *Associazione Commercianti Balôn* além de criar tensões externas gerou também desentendimentos entre seus componentes. Alguns de seus integrantes, por exemplo, que participaram do grupo ocupando posições de liderança, ao longo do tempo, se afastaram. Um deles, Antonio Dell´Aquila[19], foi o único "antiquário" que participou da criação do mercado Molassi, sendo um dos fundadores da Associazione Vivi Balôn, da qual continua participando como sócio honorário. Dell´Aquila considera a região Molassi, como o "verdadeiro" Balôn, e em 2008 declarava: "se eu tivesse que dizer para um turista o que é e onde está o Balôn, lhe diria para começar pelo Canale Molassi".

"Vivi Balôn!"

> *Eu me lembro de uma noite quando tinha a polícia, falavam de uma ação dura e então você se prepara... todos lá..., e então um de nós diz "preparamos tudo", pega uma lata onde tem, tipo... quatros litros e meio de água e meio de gasolina e na frente da polícia diz: "me ponho fogo!" e derrama sobre si o conteúdo dessa lata. A gente está ali e eu vou logo pra polícia e digo "agora, se acontece alguma coisa a culpa é de vocês porque vocês viram, ele se encheu de gasolina, então, cuidado como vocês se mexem!". Ligamos para os jornalistas, todas essas coisas aí e o outro lá com o fósforo na mão que diz: "eu me ponho fogo, eu me ponho fogo!" e explica, diz... "porque eu preciso trabalhar", mostra as contas, as receitas de medicamentos que tem que pagar e então todos, sabe, seguravam a onda dizendo "não, não faça isso, fica parado!", ao mesmo tempo eu pra polícia, "não se mexam! Porque se vocês se mexerem, serão responsáveis e todos somos testemunhas de que a culpa é de vocês.*[20]

Os embates com os Órgãos de Segurança Pública que abriram a fase de deslocamento dos "*centoventunisti*" para a região Molassi foi tenso e sua natureza performática[21] está bem descrita na narrativa que apresentei acima, relatada por um de seus integrantes. Como se disse acima, apesar das tentativas oficiais de remoção, que começaram em 1998 com a promulgação da Lei Bersani, os ambulantes permaneceram trabalhando até o ano 2000, participando de episódios de conflitos pela intervenção da polícia. Os ambulantes declaravam aos guardas estarem impedidos de se formalizar devido ao custo

[18] Havia um discurso legalista vinculado à prática de receptação que, segundo os meus interlocutores, caracterizaria o trabalho de muitos ambulantes no Canale Molassi.

[19] Dell´Aquila, 60 anos, tem uma galeria de arte na Via Borgo Dora. Turinense, o pai era *"rigattiere"*, depois abriu uma fábrica de móveis na Via Cottolengo. Dell´Aquila começou trabalhar no Balôn como moveleiro e depois se tornou antiquário.

[20] Entrevista de Dario Di Gennaro, 43 anos. "Coletor" na época do realocamento dos *"centoventunisti"*, se tornou, sucessivamente, presidente da *Associazione Vivi Balôn.*

Figura 3. Manifestação de "centoventunisti" com a faixa "No Balôn não se mexe"

Fonte: Registro fotográfico de uma fotografia que me foi mostrada durante a pesquisa.

da licença comercial e de sua manutenção e reivindicavam o direito de trabalhar sem licença. Alegavam que o Balôn sempre fora um mercado "livre" e "tirá-los", isto é impedi-los de atuar, significava "perder" um elemento tradicional da cidade. O argumento que os vendedores usaram na época e que continuaram a utilizar também após ter se estabelecido no canale Molassi remetia a duas dimensões: uma ligada à prática do trabalho e outra à forma de atuação "na praça". Os "*centuventunisti*" declaravam estar reproduzindo a atividade "originária" dos *ferramiu,* assim como Dell´Aquila afirmava, e revendicavam o direito de exercê-la sem pagar impostos. Di Gennaro nesse sentido relata:

> *O Balôn sempre foi um mercado aberto, os* ferramiu *vinham com seus carrinhos repletos de coisas e de sobras, se sustentavam também com isso.... o mercado dava a possibilidade a todos de vender e de comprar o que precisassem... nós fazemos isso. Não pudiam tirar a gente de lá! A gente é a alma do mercado.*

[21] Esta dimensão caracterizava também as modalidades de atuação dos Órgãos de Segurança. Ao longo dos anos, durante a pesquisa, presenciei diversas intervenções da Polícia nessa região, que se davam periodicamente e eram apresentadas de forma ostentada como respostas aos pedidos de "segurança" vindos de moradores e comerciantes da região. Organizadas para demonstrar publicamente a presença do Estado no bairro, não se traduziam quase nunca em agressões físicas, mas a violência simbólica desses eventos não pode ser negada. A esses episódios se sucediam as narrativas das mídias locais, que se construíam articulando as noções de "legalidade-ilegalidade" em relação às práticas comerciais e "autoctonia-invasão" em relação à presença dos italianos e estrangeiros.

A representação do Balôn enquanto feira "aberta" e "livre", isto é, capaz de acolher e fazer circular, sem restrições, diversos tipos de pessoas e coisas me foi explicitada em diversas ocasiões por ambulantes "velhos", principalmente "colletor" e *"rigattieri"* que trabalhavam não somente na região Molassi, mas também na região de Borgo Dora. Essas qualidades inclusivas e horizontais, segundo os meus interlocutores, remetem tanto a um espaço que se construiu através das práticas comerciais de "pessoas que vêm de fora", referindo-se aos *ferramiu* como migrantes, quanto a um lugar que viabilizava modalidades de venda que extrapolam o registro formal. Sucessivamente, Di Gennaro se refere, indiretamente, aos "antiquários", que, segundo ele, descaracterizariam as práticas comerciais que ele considera "originais" do Balôn, ressaltando a sua descontinuidade: "Essas foram as coisas que dissemos antes para a polícia e depois para o pessoal de *The Gate,* os *ferramiu* vendiam de tudo e a gente também..., não coisas requintadas ou da moda.... Sem a gente esse lugar não seria o mesmo".

Utilizando essa narrativa, então, os *"centoventunisti"* estabeleciam uma continuidade com a história do mercado, identificando-se com sua tradição e sua identidade. Fazendo da prática da informalidade um aspecto tradicional, procuravam legitimar os próprios direitos como trabalhadores. Se de um lado, como vimos anteriormente, os antiquários omitiam a "coleta" - prática associada à "simplicidade" e "pobreza" - da memória da feira, aqui esta se torna o alicerce para legitimar as próprias modalidades de compra-venda. O discurso da tradição, então, nesse contexto se desdobra em duas apropriações antitéticas por parte dos respectivos grupos,

Figura 4. Banca de coletor

Fonte: Fotografia da autora, 2008.

representando uma "memória dividida" (Portelli, 1991). Esta partição se explicita não somente na disputa simbólica do espaço do mercado, mas também em práticas políticas empreendidas por parte dos dois grupos.

O discurso dos "*centoventunisti*" foi construído em encontros e reuniões entre os próprios vendedores, se tornando um "projeto social" (Velho; Kuschnir, 2001, p. 33). No intuito de garantir o direito de continuar a trabalhar sem licença, esses ambulantes se reconheciam em "interesses comuns" definindo-se como agentes políticos e interlocutores diretos com a prefeitura[22]. O êxito deste projeto e das lutas empreendidas resultou no reconhecimento e regularização de sua condição como trabalhadores "não profissionais" através da criação da Associazione Vivi Balôn, em que o próprio nome, "vivi Balôn!", em português "viva Balôn!", representa uma exortação para que a feira continue existindo nos termos por eles propostos.Acompanhando essa perspectiva se colocava, também, a visão de Ilda Curti, presidente da agência de mediação de conflitos The Gate, segundo a qual "tirar" esses trabalhadores do mercado, teria tido duas consequências: uma relativa à identidade da feira e outra à sua função de "amortecedor social".

> *[...] o perigo era de perder a maior parte do Balôn, porque não é que você perde um mercado qualquer... perde alguma coisa..., porque estávamos todos cientes, também os... os mais legalistas entre os comerciantes do Balôn, que na verdade esses 300 "centoventunisti" constituíam também a identidade, a identidade histórica do mercado, isto é sem eles... o perigo, digamos, que todo mundo via, e nos mesmos, era de esterilizar o mercado, de torná-lo diferente do que era [...]. A valoração que fizemos também com os serviços sociais da época era que, se impedíamos a essas pessoas de fazer o Balôn, tudo isso ia pesar também sobre a assistência social porque se torna... essa é uma forma de amortecedor social*[23].

Com esta afirmação Curti, além do reconhecimento identitário ao qual o grupo de vendedores fazia apelo, explicita o ponto de vista da prefeitura em relação ao mercado. O Balôn representa, para o Estado, um "amortecedor social" e, como também em conversações sucessivas me foi sugerido pelo vice-presidente da agência, é preciso, segundo esta perspectiva, construir uma política de "controle sobre o território que dê margem à informalidade". Para garantir um desagravo das instituições públicas e garantir, ao mesmo tempo, que o fluxo comercial do Balôn não fosse prejudicado, a solução que The Gate encontrou foi criar um outro mercado no mercado[24].

Epílogo

O mercado Molassi, o "mercado dos pobres", como o definiu Angiolina, sua coordenadora em 2008, apesar da formalização da prefeitura, continuou sendo visto pelos residentes do bairro como

[22] Nesse sentido, segundo Velho e Kuschnir, "a estabilidade e a continuidade desses projetos supraindividuais dependerão de sua capacidade de estabelecer uma definição de realidade convincente, coerente e gratificante – em outras palavras, de sua eficácia simbólica e política propriamente dita" (*id. ibid.*, p. 33).
[23] Entrevista com Ilda Curti, 3 de outubro de 2008.
[24] Sobre a criação desse mercado, veja-se: Durando (2014).

"mercato abusivo". Estes, periodicamente, apresentaram abaixo-assinados, se queixando do "lixo" deixado pelos vendedores na praça e, frequentemente, interpelaram a Polícia Municipal para a remoção dos vendedores "irregulares" que se alocavam à margem da Piazza San Pietro in Vincoli. Por outro lado, a maioria dos "antiquários" e dos lojistas do bairro membros da Associazione Commercianti Balôn, identificava o Molassi como espaço outro, apelando negativamente à qualidade étnica que parcialmente o caracterizava assim como à "irregularidade" dos operadores que aí atuavam, representavam o fato de eles estarem trabalhando sem licença como atitudes de "esperteza" e "malandragem". O conjunto desses fatores, que por quinze anos exerceram uma pressão crescente sobre a Associzione Vivi Balôn e seus vendedores, junto à mudança de orientação política da prefeitura de Turim fez com que, em 2017, o mercado Molassi fosse destituído e, no ano sucessivo, realocado fora do bairro de Porta Palazzo, em Via Carcano, onde até hoje acontece aos sábados e domingos. Essa feira, apesar de ter sido deslocada, continua sendo chamada de Balôn pelos seus fregueses. Por outro lado, a Associazione Commercianti Balôn adquiriu a gestão completa do mercado Balôn em Porta Palazzo que, porém, ficou partido. O fluxo de clientes, de fato, se modificou e, atualmente, alguns comerciantes, também parte dos próprios antiquários que operaram para seu deslocamento, se queixam pela mudança, alegando uma inflexão nas próprias vendas. Se a remoção dos ambulantes do Canale Molassi agradou muitos dos moradores, porém, não desenraizou a prática informal e ilegal de venda, de fato, novos coletores "abusivi" se apresentam, todos os sábados, no final da rua Borgo Dora, sobre a ponte do rio, onde 30 anos atrás atuavam os "centoventunisti". Em Via Carcano os ambulantes da Associazione Vivi Balôn, quase inteiramente coletores, aumentaram e, segundo relatado pelo atual presidente da associação, de manhã cedo ainda aparecem ali os "antiquários para encher suas bolsas". "Sempre fomos os seus reservatórios"[25] , conclui.

Através desse recorte etnográfico podemos então observar como a modulação da memória de ambos os grupos seja orientada por uma finalidade política que opera estrategicamente com o objetivo de consolidar as respectivas presenças no mercado. A criação de versões sobre "*ferramiu*" enquanto figura originária, portanto, não pode ser pensada fora das relações de poder, pois é moldada também pelo lugar que tais grupos ocupam na organização social, que é contingente e variável.

[25] Diário de campo, 5 de maio de 2024.

Referências Bibliográficas

ALLASINO, E.; BOBBIO, L.; NERI, S. (2000). Crisi Urbane: Che cosa succede dopo? Le politiche per la gestione della conflittualità legata ai problemi dell'immigrazione. *Instituto Ricerche Economico-sociali Del Piemonte,* Torino, n. 135.

BARTH, F. (1998[1969]). Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: P. POUTIGNAT; J. STREIFF-FERART,. *Teorias da Etnicidade.* São Paulo: Unesp.

BRAUDEL, F. (1996). *O jogo das trocas*. Civilização material, economia e capitalismo: século XV-XVIII. São Paulo: Martins Fontes.

DE AMICIS, E. (1911). *Speranze e glorie; Le tre capitali:* Torino, Firenze, Roma. Milano: Treves.

DURANDO, V. (2014). "A construção de um mercado no mercado: o caso Vivi Balôn". *In:* C. I. RODRIGUES; L. de J. D SILVA.; R. F. MARTINS (org.). *Mercados populares em Belém.* Produção de sociabilidades e identidades em espaço urbano. 1. ed. Belém: NAEA.

DURANDO, V. (2010). *O Balôn*: um mercado popular. Curitiba, PR. Dissertação (mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 188 f.

ELIAS, N. (2000[1965]). *Os estabelecidos e os outsiders.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

GEERTZ, C. (1979). Suq: the bazaar economy in Sefrou. *In:* GEERTZ, C. *et al. Meaning and order in Moroccan society:* three essays in cultural analysis. NewYork: Cambridge University Press, p. 123-313.

GOFFMAN, E. (1969). *La vita quotidiana come rappresentazione*. Bologna: Il Mulino.

GRANOVETTER, M. (1985). Economic Action and social structure: The problemof embeddedness. *American Journal of Sociology,* Chicago, v. 91, n. 3, p. 481-51.

HALBWACHS, M. (1987). *La memória collettiva.* Milano: Edizioni Unicopli.

HANNERZ, U. (1997). *Esplorare la cittá*. Bologna: Il Mulino.

HANNERZ, U. (1998). *Conexiones transnacionales*. Cultura, gente, lugares. Madrid: Cátedra.

HANNERZ, U. (2001). *La diversitá culturale*. Bologna: Intersezioni.

MACGAFFEY, J.; BAZENGUISSA-GANGA, R. (2000). *Congo-Paris:* transnational traders on the margins of the law. Currey: Oxford.

MAGNANI, G. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais,* São Paulo, n. 49, p. 11-29.

MITCHELL, C. (1987). *Cities, Society and Social Perception:* A central African Perspective. Oxford: Claredon,.

POLANYI, K. (2000 [1944]). *A Grande Transformação.* Rio de Janeiro: Campus.

POLANYI, K.; ARENSBERG, C.; PEARSON, H. (1957). *Trade and Marketin the Early Empires*. New York: The Free Press.

PORTELLI, A. (1991). *Death of Luigi Trastulli and Other Stories*: Form and Meaning in Oral History. Albany: Suny Press.

RABOSSI, F. (2004). N*as ruas de Ciudade del Leste:* vidas e vendas em um mercado de fronteira. Rio de Janeiro, RJ. Tese (Doutorado em ciências sociais). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 318 f.

SAYAD, A. (1998). *A imigração:* ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp.

SAYAD, A. (2002). La doppia assenza. Dalle illusioni dell'emigrato alle sofferenze dell'immigrato. Milano: Cortina.

SEMI, G. (2005). *Il multiculturalismo quotidiano:* Porta Palazzo tra commercio e conflitto. Paris, França, Turim, Itália. Tese (Doutorado em pesquisa social comparada). Universidade de Turim, Departamento de Sociologia; EHESS-Paris, Departamento de Antropologia Social e Etnologia.

SILVA, F. E.; VIEIRA R. (2020). You must have people to make business: Relations of proximity in small-scale trade in Haiti and the DRC. *Vibrant - Virtual Brazilian Anthropology,* v. 17, e17502. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406964062011. Acesso em: 16 set. 2024.

STOLLER, P. (2002). *Money has no smell.* The africanization of New York City. Chicago: The University of Chicago Press.

TELLES, V. (2009). Illegalismos urbanos e cidade. *Novos Estudos Cebrap,* v. 84, p. 153-173. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-33002009000200009. Acesso em: 28 nov. 2024.

VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (2001). *Mediações, Cultura e Política.* Rio de Janeiro: Aeroplano.